

# DEUS E

# PATRIA

Ex.<sup>ma</sup> Red.  
d' O Espozendense

ESPOZENDE



BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.<sup>a</sup> REV.<sup>ma</sup> O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Director, Editor e Administrador — Sub-diacono *Avelino Alves Sampaio*

EDICAO E ADMINISTRACAO—Belinho—ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA—DEUS E PATRIA

Composto e impresso na *Typographia Viziense—Rua Silva Gayo, 42 a 46—VIZEU*

## O EVANGELHO

Domingo 5.<sup>o</sup> depois do Pentecostes

N'aquelle tempo, disse Jesus a seus discipulos:

Se a vossa justiça não fôr maior e mais perfeita do que a dos Escribas e Phariseus, não entrareis no reino do Ceus.

Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás; e quem matar será réu do juizo: Pois eu digo-vos: que todo o que se ira contra seu irmão, será réu no juizo; e o que disse a seu irmão: Racca, será réu do conselho: e o que disser: E's um maldito, será réu da gehenna do fogo.

Se, pois, ao offerceres o teu dom no altar, te lembrares que teu irmão tem contra ti alguma coisa, deixa alli a tua offerta deante do altar, e vae reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois volta a fazer a tua offerenda.

(Do Evang. de S. Lucas, cap. V, 4-10).

### REFLEXÕES

O Evangelho d'hoje apresenta á nossa consideração a sentença terrivel proferida por Jesus Christo: *se tua santidade não é maior que a dos escribas e phariseus, não entrarás no reino dos Ceus.*

Lembremo-nos de que quem diz estas palavras não é nenhum orador exagerado, nem algum sabio atrevido: mas sim Jesus Christo, que é Deus, que as pronunçou e que não pode errar nem mentir, nem exag.

Pensemos que a sentença formulada naquellas palavras é terrivel. Trata-se da salvação, que é eterna, trata-se do reino dos ceus, que é a mansão feliz.

E' doloroso perder uma fortuna, é triste ver arder a propria casa, é desconsolador para um rei perder o seu reino...; mas mais que tudo isto é perder o Ceu e condemnar-se por toda a eternidade.

Porém, se nos conformamos com a honradez e probidade dos phariseus, perderemos esse Ceu venturoso e feliz.

A honradez dos phariseus consistia em exterioridades, em fazer algumas esmolas philanthropicas, isto é, caridade sem o amor de Deus, em assistir a certas solemnidades...; mas o seu coração estava dominado pelas paixões e sobretudo pela soberba e pela ira.

Deus não attende ás exterioridades humanas, mas ao intimo dos corações, e se o coração não é innocente, humilde e caritativo, não entrará no reino dos ceus.

A honradez dos phariseus consistia em gosar e agradecer aos homens, em attender aos compromissos humanos, em transigir com as suas exigencias, em contemporisar... Esta honradez que se apropria ás conveniencias humanas será elogiada dos homens, mas não entrará no reino dos ceus.

Examinemos o nosso coração, e se não encontrarmos n'elle a humildade, o amor de Deus, o desapêgo do mundo, o amor da mortificação, é porque o nosso coração se compara com os dos phariseus. Reformemo-lo para entrar-mos no reino dos ceus.

Quantos dizem: *Eu não roubo e não mato!* Esses são phariseus puros. Não é isso sufficiente para nos salvarmos: é necessario não offender gravemente ao próximo ainda que seja com uma só palavra.

\* \*

O christão não deve sentir ira contra o seu proximo. Que longe não estamos de cumprir esta obrigação! Se a transgredirmos, lembremo-nos que no Purgatorio temos de soffrer a pena d'esse delicto. Se no momento da ira dissermos palavras que offerdam o nosso proximo, ainda que levemente, o castigo será maior e se o insultarmos gravemente, o castigo será o inferno.

A perfeição do christão é muito elevada. E' a perfeição de coração, que não admite a ira e que alem d'isso *perdoa as injurias* ao seu proximo.

Se tivermos em nosso coração antipathias, odios, desejo de vingança seremos phariseus, mas nunca christãos. Se não fallarmos com o proximo por nos ter offendido, não teremos logar no reino dos ceus.

Não ha doutrina tão santa como a de Jesus Christo. Não sentimos força para a seguir? Peçamo-la a Jesus Christo na oração e aproximemo-nos com frequencia da Sagrada Communhão afim de recebermos as forças que nos faltam.

## FLORILEGIO

### Uma familia de martyres

(10 de julho)

No dia 10 de julho commemorou a Egrejá o martyrio de 7 irmãos, filhos de Santa Felicidade.

Esta santa é um modello perfeitissimo da mulher forte da Escripura. O seu coração era um ardente foco de amor a Jesus Christo, a sua fé era mais solida que as mais solidas fortalezas.

Foi n'esta escola de virtude e heroismo que ella formou os seus filhos. Rudes eram aquellos tempos em que os Cezares Romanos julgavam possível esmagar o christianismo sob o pezo dos tormentos. Porisso Santa Felicidade fizeira adoptar a seus filhos a divisa de que *nunca* deviam negar a Nosso Senhor Jesus Christo, fossem quaes fossem as ameaças e os perigos que os assaltassem.

O momento da *prova* chegou. Marco Aurelio Antonino ordenara que os christãos fossem perseguidos e obrigados a sacrificar aos deuses. Publio, Prefeito de Roma, executou sem detença esta ordem.

Dentro em pouco, os 7 filhos de Santa Felicidade eram levados á presença do Prefeito que quiz obriga-los, primeiro com blandicias e depois pelo terror, a renunciar a Jesus Christo e sacrificar aos deuses. Caso se recusassem seguir-se-hia o martyrio de que resultaria a morte.

Tal era o dilemma cruel que os representantes do paganismo e defensores de Satan punham aos christãos. Ou apostatavam ou morriam.

Porém, o animo dos 7 varões, filhos de Felicidade, era bastante varonil e achava-se bastante robustecido pela graça, para vergar ás ameaças e aos tormentos.

Oppuseram pois uma recusa formal a todas as blandicias de Publio e uma constancia admiravel no meio dos soffrimentos.

A grande heroína, sua mãe, lá estava ao seu lado, não para derramar lagrimas de desespero, não para pedir compaixão aos algôzes, mas para fortalecer seus filhos na fé, incitando-os a que perseverassem até ao fim para receberem a palma do martyrio.

Admiravel exemplo de amor mater-

no, incompreensível para o mundo, mas que no proprio céu despertaria commoção.

Januario soffreu o martyrio do chumbo; Felix e Philippe morreram dos açoites; Silvano foi precipitado d'um logar altissimo; Alexandre, Vital e Marcial foram decapitados.

Quatro mezes depois a mãe de tão gloriosa prole era coroada com a mesma corôa refulgente, indo juntar-se no céu aos heroicos filhos que a tinham precedido e que decerto foram recebe-la em triumpho para installa-la, em nome de Jesus, na eterna morada dos justos.

## O que é a politica?

—Mythologicamente é a caixa de Pandora ou o tonel das Danaides.

—Architectonicamente é a torre de Babel ou o labyrintho de Creta.

—Geographicamente é um mar tempestuoso, que só tem dois portos: o carcere e o capitolio.

—Artisticamente é um theatro comico-dramatico, onde todos querem fazer o papel de representantes do povo.

—Bellicamente, é uma espada de tres flos, que com o primeiro corta quem a esgrime; com o segundo, o contendente; com o terceiro, o mediador; e com todos tres, a pobre patria.

Um gastrônomo ajunta:

—A politica é um rico pastel que o povo paga, que se coze ao calor das paixões, e que os mais finorios comem tranquillamente, rindo-se da candidez d'uns e do fiasco d'outros.

## CONVERSANDO...

### Como se fundou o Centro Catholico de X.

O Rev.º parochio de X. apresentou-se n'esse dia em casa do seu parochiano e velho amigo Francisco Cruz, pharmaceutico da localidade.

Era o anniversario natalicio da filha mais nova do pharmaceutico, era portanto dia de parabens. Feitos, porém, os cumprimentos, e como a freguezia não apertasse, a conversa estabeleceu-se sobre varios assumptos. O ajudante lá estava á frente das drogas para attender qualquer caso urgente. No entretanto, a conversa proseguia, na sala, em tom familiar.

—Meu caro prior, isto vae mau, dizia o pharmaceutico, atravessamos uma crise gravissima, a sociedade está envenenada pelas doutrinas mais deleterias.

—Isso é uma grande verdade, redarguiu o prior, e o meu amigo que é um catholico sincero bem sabe quaes são as causas do mal.

—Pois o que ha de ser senão a falta de religião, ou mesmo o desprezo pela Religião. Parece impossivel que seja tão grande a cegueira d'uns e a maldade d'outros, em recusarem o unico remedio para estas calamidades.

—Tem carradas de razão, caro amigo, mas olhe, a culpa tambem é um pouco nossa.

—Talvez; mas que se ha de fazer? Os malditos palradores trazem tudo desorientado...

—Não ha duvida, mas... eu vou apresentar ao meu caro amigo uma companhia.

—Venha ella.

—Supponha que ha um doente, vi-chamado por uma crise de certa gravidade, mas que poderia soffrer bastante alivio, e talvez a cura, se tomasse certas e determinadas drogas.

—Bem.

—Essas drogas, proseguiu o prior, tem-nas o meu amigo na sua pharmacia, e alguem que vela por todos os doentes, veio pedir-lhe que lh'as preparasse para serem administradas e surtirem effeito. O que faria o amigo?

—Pois o que havia de fazer? Preparava-as, não só por interesse, mas por um dever de humanidade.

—Perfeitamente; nem outra coisa era de esperar do meu amigo. Preparava-as, ainda mesmo que o doente fosse pobre e não pudesse pagar, ou ainda que d'elle tivesse recebido algumas offensas, não é assim?

—Assim o manda a caridade.

—Optimo. Ora meu caro amigo, ahi temos nós um doente gravissimo, no periodo agudo da sua doença, mas não em estado incuravel.

—Quem é?

—E' o povo portuguez, esse que o meu amigo disse ha pouco que estava envenenado, como está effectivamente, e em risco de morrer; ha, porém, um certo contraveneno, n'uma certa pharmacia...

—Compreendo, atalhou o pharmaceutico. Ha o contraveneno da Religião, na pharmacia da Igreja.

—A's mil maravilhas, mas... o meu amigo desculpe, mas este contraveneno não pode muitas vezes ser administrado por falta de *pharmaceutico competente*.

—Mas o pharmaceutico competente é o meu caro prior.

—Sim... mas ha que attender a certas especialidades. Sendo a crise de natureza *social*, o remedio deve ser administrado tambem por *via social*, comprehendendo?

—Não muito bem.

—Quero eu dizer que é preciso obras sociaes christãs, para neutralizar os effeitos das obras sociaes anarchistas; ora o parochio, n'este caso, não pode, só por si, administrar as beneficas drogas. Carece de auxiliares, carece de pharmaceuticos leigos. Por exemplo, para neutralizar os effeitos do Centro anarchista, precisamos d'um Centro Catholico, mas o Centro Catholico não pode ser composto só pelo parochio; é preciso que leigos de cathogoria se ponham á sua frente para que a sua acção social seja mais intensa, mais penetrante. Está ou não está de accordo?

—Pois quem não estaria, sendo catholico?

O parochio levantou-se, abraçou o pharmaceutico, que o olhava espantado, e disse-lhe:

—Meu caro amigo, tenho o prazer de convidar-lo para fazer parte da direcção do Centro Catholico de X.; espero que d'esta vez não terá objecções a fazer; o tempo urge, o doente agonisa, e se nós os catholicos não lhe acudirmos, quem lhe acudirá? A fé sem obras é morta, e

Jesus, o Pae de infinita misericordia e vida-nos ao trabalho activo. Corresponderemos ao seu appello, não é assim?

O pharmaceutico, comovido, respondeu simplesmente:—«Conte comigo, e desde esse momento ponde-se com um Centro Catholico em X.»

### Lição de guitarra

—Atenção, homem, atenção... se dede no 4.º ponto...

—Não, homem, não é assim... a p ma no ar, e o index pisando a corda.

—Ora gaitas, sabes o que te digo? Eu sou o dono da guitarra, e posso p os dedos onde eu quizer.

## O alforge do diabo

Segundo reza uma antiga tradição bretã, o diabo n'essas noites lindas de lua cheia vem á terra, trazendo ás costas um alforge immenso no qual vae deitando tudo o que Deus não quer, e tudo o que o maldito com suas habilidades logra apanhar para levar ás profundezas do inferno; e o sacco é tão negro, tão negro, tão grande, tão grande, que não se enche nunca; e vá que o ladrão diabrete tem muito que colher n'esse valle de lagrimas. E elle ahi vae por esse mundo abaixo em procura de carregar com que encha o sacco até á bôcca.

Em uma d'essas noites placidas e encantadoras, a lua erguera-se com magestade pouco a pouco sobre os pincares e calvados da Falperra; ainda as sombras do monte se projectavam lá em baixo sobre a cidade illuminada pela mortua luz electrica; ainda nas tascas se ouviam os ultimos rumores da crapuça, amada pelo afanoso cahir das cartas sobre a tosca mesa de pinho colorida pelo vermelho de Bâcho; ainda pela a cada se sentia o choque surdo das bôlhas de bilhar, e se viam ainda os ultimos espiraes do fumo do Café de Moka pedirem-se no ambiente saturado pela essencia das folhas de Nicotiana; e do alto Gerez começou a descer impellido pelo Suão o diabo, sobraçando o defumado taleigo para começar a sua insensata faina.

Passou freguezias e freguezias e não encontrou nada que metter dentro do infernal sacco.

Quando a lua já illuminava bem as ruas da cidade, appareceu elle a espreitar lá de cima do alto, e a tristeza diabolica que tinha estampada no rosto por não ter apanhado nada nas aldeias transformou-se em alegria feroz porque via muita provisão para lançar dentro do grande taleigo.

Caminhou pela primeira rua da cidade e, de repente, tropeçou em alguma coisa que havia no chão, sentindo um dôr horrivel nas unhas aduncas que ocnavam o seu pé de cabra.

—Por Belzebú, meu mestre, exclamou elle, e por todos os satanazes, que é isto?

Olhando para o chão, encontrou um beberrão que dormia descançado sobre as lages frias da rua.

—Ao sacco! disse elle em seguida este já lhe cobre o fundo, e, que pesado é tão gordo... e lançou-o ás costas.

—Um bebado é um homem que ac

geita de antemão todas as responsabilidades, e que se entrega de boa vontade a tudo o que queiram fazer d'elle com uma fatalidade inconsciente para o bem ou para o mal. Por bom que seja o bebado, abdicar o dominio da razão e perder o dominio dos seus actos, é o mesmo que converter-se n'um ladrão, n'um assassino, n'um jogador, n'um deshonesto...

—Vamos lá, a embriaguez é um dos primeiros auxiliares que eu tenho no mundo: Todos os bebados são meus. Deus não os quer... ao inferno com elles!...

Entrou na taberna; ao balcão encontrava-se risonha uma onzeneira que animava a orgia, dirigindo ao magote dos jogadores palavras e motejos saturados de malicia, que eram acolhidos de francas gargalhadas. Por causa d'essa mulher dera-se já um duello entre dois jovens, ficando um morto e outro ferido; uma familia se tinha arruinado e dois amigos que se amavam fraternalmente tinham quebrado a amizade...

As suas palavras tinham feito perder a innocencia a donzellas bem comportadas e que hoje augmentam o numero dessas desgraçadas, que procuram almas para o inferno.

—Ah!... uma alcoviteira... olé, para o meu sacco.

—As alcoviteiras são minhas todas. Quantos são arrastados por ellas ao inferno! Quanta innocencia perdida! Quantos jovens desviados do bom caminho!... Quanta paz afastada do lar domestico onde essa bôcca viperina da alcoviteira lanca o seu veneno!...

—Todas as alcoviteiras trabalham para mim. Com o seu olhar provocador, com as suas falsas palavras, com os seus sorrisos pérfidos e seductores fazem mais diabruras entre os homens, que todos os agentes infernaes.

—Se um dia viesse ao mundo disfarçado, appareceria occulto em forma de alcoviteira.

—E vós, amigos, a jogar a suéca? Ah!... o sacco ainda está aberto!...

—Vós aqui a jogar e a beber, e as vossas mulheres a chorarem lagrimas de sangue por não terem um pedaço de pão com que matar a fome aos filhinhos, que a estas horas talvez esperem ainda algum soccorro de seus paes, antes de repousarem na mansarda pobre e miseravel!...

—Os jogadores pertencem-me tambem. Ter a familia a morrer de fome, e neste antro de corrupção perder o que lhes pertencia de justiça, é uma iniquidade. Deus não quer jogadores no Céu; para o sacco... e n'um momento os atulhou uns sobre os outros dentro do taleigo, os quaes rosnavam ainda entre os dentes: *trunfo... bisca... áz...* — Trunfo, bisca, ás 2... exclamou o demonio sorrindo com desdem, ide jogar para o inferno com Mahomé.

Ao sahir da taberna, encontrou-se de chofre com um usurario hypocrita, que emprestava dinheiro a 200 por 100 de juros com garantias ainda por cima, o qual passava longas horas na Egroja, maneando grossas contas diante do publico, acompanhando essa devoção hypocrita com uns ais muito ternos e devotos.

O mesmo, no adro, qual Phariseu do

Evangelho, alardeava a sua virtude e cheio de vaidade distribuia moedas de cinco aos pobres todos os domingos.

Passava uma vida crapulosa ás escondidas, e em publico tinha os olhos cravados no chão, fingindo-se devoto Publicano.

—Ao sacco!... ao sacco! disse o diabo rindo-se a gargalhadas.—Com este levo já uma grande porção...

—Abunda tanto no mundo a hypocrisia! Já perdi a conta de quantos milhares de hypocritas téem atulhado o inferno. Deus conhece-os tambem que m'os deixa todos; nem um sequer por engano entra no Cêd. S. Pedro que o diga!... E' pena que algum, de vez em quando, enfiando a cabeça pelas portas do Céu, escape á vigilancia de S. Pedro para lá espalhar essa moeda que só corre no inferno. Mas, isso sim, nem um só lá pôz os pés e eu é que tenho de carregar com elles todos!

O diabo acabrunhado com a sacôla, bufava e suava quando chegou ao centro da cidade. E que bôa colheita não fez elle aqui... E lá encastrou para dentro do sacco uma multidão d'esses que passam a vida a assoalhar a vida dos outros, repimpados nos logares mais centras onde só há prazeres e ociosidade...

Atraz do hypocrita foi o diabo encontrando e mettendo dentro do sacco ao medico ignorante e materialão, ao advogado prevaricador, ao caixeiro infiel, ao politico de esquina, ao critico invejoso, ao murmurador depravado, ao casquilho *de badine*, ao banqueiro *Trapiçonda*, ao chefe de esquadra e até um rabequista lá cahiu dentro dizendo o diabo: ao sacco, zo sacco!...

—Tinhas de ser meu: com a tua musica maldita attrahistes muitos para o inferno, vae ensinar musica a essa cambada.

E o diabo proseguiu cruzando praças, beccos e ruas, lançando com afan no sacco enorme, incommensuravel, tudo o que havia de mau na cidade.

E tambem lá cahiram muitos e muitas que foram arrancadas do fundo das igrejas, que simulando externamente manifestar devoção e piedade, são sepulchros branqueados que escondem no fundo do coração as mais ruins paixões.

Muita alma piedosa, que todos os dias talvez frequenta as praticas mais santas da religião e aliando a essa vida de pequeninas devoções a mais infame bisbilhotice e assidua murmuração, tambem foi roubada pelo demonio para ir encher o sacco que já lhe custava a arrastar.

Corridos todos os recantos da cidade, e não encontrando mais nada que recolher, reparou em um montão de boas intenções que estava em uma praça deserta.

Deteve-se junto a esse monte de boas intenções e vacilando um pouco, murmurou com desdem:

—Boas intenções... boas intenções... E' verdade que por si só não valem nada. D'ellas está cheio, e bem cheio o fundo do inferno. Emfim, continuou elle, levo-as todas no meu sacco, porque aqui ainda ha lugar para tudo.

—Para dentro, boas intenções.

—Ellas não valem ao *annão*, que sómente na quaresma vae fazer a bar-

rella ao seu sacco muito mais atulhado que o meu de gordos peccados.

—*Annões, annões, annões, Com boas intenções?... Convosco eu mais ataco O meu bojudado sacco.*

E o legado de Belzebú, á ultima hora feito poeta, á récita da quadra que inventa, vae atacando o cimo do alforge com os classicos rotineiros da desobriga.

—Ah!... para o alforge, malandrim sapateiro, que guardas a segunda-feira e trabalhas no domingo, e que todos os annos promettes emendar a vida aos pés do confessor, baldando as tuas boas intenções.

—E tu, negro ferreiro, que todos os sabbados bebes um *götinho*, como dizes, emborcando quatro canadas... e a missa?...

—Para dentro... vaes dar ao folle de Vulcano.

E com estes foi tambem engalfinhado um magro alfaiate, que em vão luctava com as tesoiras abertas que tinham provado sem consciência a panno alheio.

Atraz d'elle a modista que levava 25000 rs. por uma fita de sêda; um padreiro que amassava o pão com serrim e gesso; um estudante que passava a dormir sobre os livros.....

Tudo isto se confessou com boas intenções.

—Ide todos para o inferno receber a absolvição; não vos valeu a do Padre a quem enganastes, seguindo a vossa rotina annual.

Depois de carregar com tudo, determinou retirar-se, mas ao dobrar a ultima esquina d'uma encruzilhada, encontrou-se com um homem cuja condição não reconhecia, pois não era um borracho, nem um malvado, nem um hypocrita, nem um agiota, nem um ladrão, nem um maldizente...

Porém claro está que não era bom homem, porque Deus o tinha abandonado.

—Quem és? Perguntou o diabo, abrindo o alforge para o metter n'elle.

—Eu nunca fui amigo, nem inimigo de ninguem, não fiz mal nem bem, não roubei nem dei nada, não senti amor nem odio, contestou o interrogado.

—Irre, és um philosopho indifferente, disse o diabo virando as costas, não servistes para Deus, tambem não serves para mim e começou a andar sem deter-se a apanhar uma coisa tão inutil.

Tinha sido grande a colheita para o inferno não ha duvida, porém, quando elle voltar de novo n'essas lindas noites de luar pôde trazer o mesmo ou maior alforge porque as emendas são poucas.

P. A. T.

### Entre porteiros

—Que musica é essa que se canta nos enterros, tão triste?

—São os canticos *lethargicos*.

Mario é um menino esperto como um alho, sobre tudo em Geographia.

—Que é isto? Pergunta-lhe o professor collocando um dedo sobre o mappa.

—E' uma unha suja.

## Notas ligeiras

O governo vai conceder brevemente a liberdade de commercio, mas providenciar, simultaneamente, para evitar, tanto quanto possivel, os prejuizos que possam derivar d'essa medida urgente.

\*

La Victoire, jornal socialista de Hervé, publica uma informação do seu correspondente em Varsovia, commentando a assistencia do general socialista Pildzusi à procissão de Corpus Christi. A assistencia era enorme; atraz do Bispo, iam o general e os seus tres ajudantes, sendo o facto muito commentado pelos seus correligionarios politicos. O mais notavel, porém, é que aos socialistas de La Victoire lhes parece o facto muito natural, dizendo não terem razão os censores, «pois os homens que aceitam a pesada missão de unirem todos os cidadãos d'um paiz estão obrigados a associar-se a todas as manifestações em que vibre a maioria da alma nacional.»

\*

Inesperadamente, e contra todos os informes colhidos já de madrugada, a greve dos ferro-viarios estalando subitamente, a todos deixou surpresos.

E, tanto assim, que a greve é geralmente discutida, pois terá como consequencia immediata, novas perturbações e agravamentos na nossa vida economica.

As estações de caminhos de ferro mais importantes estão occupadas militarmente.

A Lisboa chegam varios contingentes de tropas, na providão de qualquer alteração da ordem publica.

Já se falla em outras grèves, afim de ver qual é o pulso do actual governo.

\*

Communicam de Roma ter havido no dia 30 de junho mais de oitenta tremores de terra que duraram immenso tempo.

O centro do movimento parecia estar em Vecchio, cuja povoação está reduzida a um monte de ruínas, havendo 40 mortos e centenas de feridos.

Ha mais 10 povoações quasi destruidas, sendo muitos os mortos e feridos.

Restabelecidas as communicações, dizem de Roma em data de 1 do corrente, conhecem-se dolorosissimos pormenores dos tremores de terra. Em Florença fenderam as paredes de varios predios. Ficaram completamente destruidas numerosas povoações. Segundo as ultimas noticias, Alfari, director do Observatorio de Florença, registaram-se oitenta convulsões de terreno, continuando d'uma maneira assustadora. A duquesa de Aosta dirige os serviços dos soccorros. Os ministros das obras publicas e da justiça partiram para o local do desastre, aonde se espera tambem o rei.

—Em Bolonha deram-se tambem abalos violentos. Lavra enorme panico, sobretudo nas egrejas, que se encheram de fieis. Em Florença ha muitos feridos pelos destroços. Na região de Muzelle, que fica no epicentro do movimento sismico, o abalo foi isolado. O telegrapho e o telephone ficaram destruidos.

O sr. Alfari, director do Observatorio de Florença, assegurou que os abalos devem repetir-se proxivamente.

## O martyr da innocencia

—Minha mãe, o que era aquillo  
Que deu o senhor abbade  
Vestido de branco, á grade?...—

—«Falla baixinho,

menino...

'stás na casa do Senhor,  
Silencio... reza... fervôr...—  
—«Mas tu, ó mãe, diz-me o que era?...  
Tão bonita parecias,  
Quando alegre recebias  
Aquella coisinha branca.»—  
—«Filho...

aquillo era Jesus!...

Ao mundo veio dar luz,  
'spalhar a paz e a bondade!...  
Depois n'este captivoiro,  
Querendo estar prisioneiro,  
Escondido só ficou  
No alvo pão que abençoou...  
E tu cuidas que elle dorme?...  
Não... sósinho, lindo infante,  
'sperto vela a cada instante  
Por todos, por mim, por ti...  
D'amor vive preso ali!...—  
—«E... pois... ó minha mãe...  
deixa-me...

Já que elle é tão nosso Amigo,  
Quero eu tambem ir contigo...—  
«Filho não chores...

espera...

Para bem o receber,  
E' necessario rever  
Muito bem a consciencia;  
E depois de examinados,  
Confessar nossos peccados.  
Jesus é puro, innocente!...  
Não entra n'um coração  
Manchado de imperfeição.»—  
—«Tambem eu, ó mamã... quero...  
Confessar os meus peccados,  
Para serem perdoados...  
Eu t'os digo já...

mas... deixa-me...—

—«Socega, filho...

ao reitor

Quando já fores maior  
Então has-de confessar-te...  
E depois tão casto e puro  
Irás commigo seguro.  
Jesus bom, candido, meigo,  
Ao teu coração virá  
E não mais o deixará.»—  
—«Mas... eu agora...  
ó mamã...  
Deixa-me... vou já contigo...  
O Jesus que é meu amigo  
Me perdôa os meus peccados.»—  
—«Cala-te, filho... sem cruz,.....  
.....—  
—«Quero papar o Jesus...»—  
(Da «Voz de Santo Antonio».)

## UM EXEMPLO POR SEMANA

### Se os paes déssem o bom exemplo...

Tres pequenitos d'uma familia christã preparavam-se para a sua primeira communhão.

Estavam já sufficientemente instruidos, mas seus paes, que sabiam sê-lo, pensaram que seria uma preparação das mais salutaes, o edificar as creancinhas com o seu bom exemplo.

Tendo chegado n'este comenos a festa da Paschoa, os bons esposos dispuseram-se a receber a Sagrada Communhão e para isso se dirigiram á igreja parochial, fazendo-se acompanhar dos tres pequenitos.

Veio o momento:—O pae e a mãe dirigiram-se para o altar, com piedoso recolhimento, seguidos pelo olhar attento dos filhitos que os viram voltar de-

pois para elles, de mãos juntas, embebidos nos mais doces sentimentos da alma.

Este espectáculo impressionou vivamente os tres pequenitos, a tal ponto que, o mais novito, não podendo conter-se, chegou-se suavemente para o genuflexorio da mamã, apoderou-se-lhe das mãos juntas com grande respeito e cobriu-lhas de muitos beijos.

—Que tens tu, queridinho? lhe perguntou a mãe com ternura.

—Oh! mamãsinha! Eu tambem queria approximar-me do bom Deus, e percebi-me que tomando as tuas mãos, que estão tão perto d'Elle, tambem eu O abraçava!

Que encantadora innocencia e que salutar exemplo!

## ADIVINHA POPULAR

Sabes quem sou,  
caro leitor?

Ando a ti presa  
e causo horror.  
Ser que se veja  
á vida entregue  
eu sou a sombra  
que o persegue.  
O meu retrato  
nada agradável  
distingue-o foice  
muito notavel.  
Um tal adorno  
é quasi asneira,  
pois que não pódo  
nem sou ceifeira.  
Mas pelo mundo  
de vez em quando  
ouve dizer-se  
que vou ceifando.  
E todos vêem  
cheios d'horror  
o meu aspêto  
de ceifador.

Decifração da anterior:—*Espelho.*

## Calendario religioso da semana

**Domingo, 13**—Santo Anacleto, P. M.  
(Lua cheia ás 6 horas e 2 minutos)

**Segunda feira, 14**—S. Boaventura, B. e dr. da Egreja.

**Terça-feira, 15**—O B. Ignacio de Azevedo e seus comp. martyres.

**Quarta-feira, 16**—Nossa Senhora do Carmo. Triumpho da Santa Cruz.

**Quinta-feira, 17**—Santo Aleixo, conf. S. Leão IV, Papa.

**Sexta-feira, 18**—Santa Marinha, V. M.

(Os pobres e quem tem os indultos estão dispensados da abstinencia).

**Sabbado, 19**—S. Vicente de Paula, conf.

Chice procura uma palavra no dictionario, e não a encontrando logo, impacienta-se e atira com o dictionario pela janella fóra, dizendo:—Que grandes brutos; porque é que os auctores não collocam no fim do dictionario um indice de todas as palavras?

**Livrarias.**—A's livrarias chamava El-rei D. Sebastião com chistoso espirito—*Tabernas dos homens de bem.*